

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**A DISCURSIVIDADE EM *DESGARRADOS* SOB O PONTO DE VISTA DAS
CATEGORIAS DE PESSOA, DE ESPAÇO E DE TEMPO**

Roberta Costellaⁱ (CEOM)
Tânia Aider Scarton Fornariⁱⁱ

INTRODUÇÃO

O estudo em questão se insere na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, propondo-se definir as categorias de pessoa, espaço e tempo, no texto *Desgarrados*, de Mário Barbará e Sérgio Napp. De acordo com esta teoria, a enunciação define-se como a instância de um *eu – aqui – agora*: o sujeito da enunciação é sempre um *eu*, que opera, ao realizar a produção discursiva, no espaço *aqui* e no tempo *agora*.

A justificativa para esta pesquisa encontra-se na necessidade de se explicar linguisticamente como o leitor resgata o sentido a partir da enunciação, pois o uso da língua é sempre instaurador de sentidos novos. Para a presente análise, enfatizam-se alguns eixos temáticos da obra de Benveniste, e o livro “As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo” (2008), de José Luiz Fiorin.

1. A ENUNCIÇÃO

A enunciação é o ato de produção do enunciado. Segundo Benveniste, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (2006, p. 82). Na enunciação, um enunciador faz escolhas, deixando marcas, produzindo efeitos de sentido, que revelam seus propósitos para persuadir um enunciatário, com o qual se comunica. Essas marcas remetem à instância em que o enunciado é posto, inscrevendo o sujeito da enunciação. Dessa forma, o enunciado apresenta elementos que remetem ao momento da enunciação: pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos, advérbios. Esses elementos – marcas enunciativas – identificáveis no interior do enunciado são a enunciação enunciada.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Observe-se um exemplo citado por Fiorin (2004, p. 162): “Quando se diz *A Terra é redonda*, tem-se o enunciador, pois o texto aparece sem as marcas do ato enunciativo”. E prossegue: “No entanto, quando se afirma *Eu digo que a Terra é redonda*, enuncia-se no enunciado o próprio ato de dizer. Tem-se, então, a enunciação enunciada”.

Benveniste (2005, p. 280-281) introduz na linguística esta noção de sujeito, pois somente ao produzir um ato de fala – construção linguística particular – ele constitui-se como *eu*, instalando, dessa forma, na linguagem, a subjetividade, definindo as pessoas do discurso. *Eu* diz *eu*, estabelecendo uma outra pessoa – o *tu*. Assim, o *eu* existe em contraste ao *tu*, uma vez que instaurada a comunicação, o *eu* somente emprega *eu* dirigindo-se a um *tu*. As pessoas *eu/tu* se caracterizam como categorias de discurso que só ganham plenitude quando assumidas por um falante, na instância discursiva: “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 286) e ao outro como *tu*. Assim, enquanto *eu* e *tu* são sempre os participantes da comunicação, o *ele* designa qualquer ser ou não designa ser nenhum. A pessoa e não-pessoa devem ser entendidas como posições enunciativas.

O ato de dizer é realizado por um *eu* num determinado tempo e num dado espaço. Todos os espaços linguísticos são ordenados a partir do *aqui*, ou seja, o lugar do *eu*. O espaço linguístico, então, é aquele onde se desenrola a cena enunciativa, isto é, não pode ser entendido apenas como espaço físico. Esse espaço é expresso pelos pronomes demonstrativos e por alguns advérbios de lugar. O pronome demonstrativo situa o ser do discurso no espaço, atualizando-o. Essa classe de palavras apresenta, segundo alguns linguistas, as funções de mostrar (dêitica) e de lembrar (anafórica). Os advérbios de lugar têm a função ora de marcar o espaço da cena enunciativa (*aqui, aí, cá*), ora de indicar o espaço fora da cena enunciativa (*ali, lá, acolá*).

A função dêitica é importante porque há a necessidade, ao discursivizar, de singularizar os seres que são referidos, uma vez que não se pode “construir discursos apenas com referência universais.” (FIORIN, 2004, p. 175). Já, a função anafórica retoma, lembrando o que foi dito no discurso, enquanto que a função catafórica

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

anuncia o que será dito, construindo, ambas, mecanismos de coesão textual. Dessa forma, *aqui* é o espaço do *eu*, a partir do qual todos os espaços são ordenados. E, *agora* é o momento em que o *eu* toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística é organizada.

Benveniste acredita que as formas linguísticas que exprimem o tempo são, de todas as formas linguísticas reveladoras da experiência subjetiva, as mais ricas e também as mais difíceis de serem analisadas, exploradas, pois estão “arraigadas as idéias preestabelecidas, as ilusões do “bom senso”, as armadilhas do psicologismo.” (2006, p. 70). O termo tempo admite representações diferentes e a língua conceitua o tempo de modo totalmente diferente da reflexão. O autor defende que todos os tipos de estrutura linguística são compatíveis com a expressão do tempo e argumenta que existe uma confusão geral, mas natural, entendendo “que o sistema temporal de uma língua reproduz a natureza do tempo “objetivo”, tão forte é a nossa propensão a ver na língua o decalque da realidade.” (BENVENISTE, 2006, p. 70).

Afirma que as línguas são divergentes justamente no modo pelo qual elaboram um sistema temporal complexo e oferecem construções diversas do real. Para Benveniste (2006, p. 71), existe um tempo específico da língua, contudo antes de chegar ao nível da expressão linguística, é necessário diferenciar duas noções do tempo: o tempo físico do mundo e o tempo crônico. Assim, o tempo linguístico, como apresentado por Benveniste (2006, p. 71-80) não deve ser confundido com o tempo cronológico e nem com o tempo físico, pois o tempo linguístico ocorre quando o falante toma a palavra instaurando um *agora*, que é o momento da enunciação.

O momento enunciativo (ME) – *agora* – ordena a categoria da concomitância (presente) X não concomitância (passado – anterior ao presente – e futuro – posterior ao presente), criando três momentos de referência (MR). Outro momento relevante para se determinar o tempo linguístico é o momento do acontecimento (MA), que pode ser concomitante, anterior ou posterior a cada um dos momentos de referência, estabelecidos em função do momento da enunciação. (FIORIN, 2004, p. 166-167).

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Então, na língua, podem-se diferenciar dois sistemas temporais: o enunciativo e o enuncivo. Este se relaciona aos momentos de referência passado e futuro. Aquele se relaciona ao momento de referência presente. Note-se que a temporalidade linguística é um marcador das relações de sucessividade entre os acontecimentos representados no discurso.

2. CATEGORIAS ENUNCIATIVAS: DISCURSIVIZAÇÃO

Os mecanismos com que se instauram no texto pessoas, tempos e espaços são a debreagem e a embreagem (GREIMAS; COURTÈS, 1979, p. 79, apud FIORIN, 2008, p. 43). As projeções da enunciação no enunciado são operações de debreagem, que ocorrem por meio das categorias de pessoa, espaço e tempo, definindo sob esse ponto de vista, a debreagem actancial (*eu/ele*), espacial (*aqui/lá*) e temporal (*agora/então*).

Existem dois tipos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. A debreagem enunciativa é a projeção do *eu/aqui/agora* no enunciado, provocando um efeito de sentido de proximidade, subjetividade e parcialidade. Já, a debreagem enunciva é a projeção do *ele/lá/então* no enunciado, provocando um efeito de distanciamento, objetividade e imparcialidade. Fiorin (2004, p. 179) esclarece que não existem textos objetivos, pois eles são sempre frutos da objetividade e da visão de mundo de um enunciator. O que há são textos que produzem um efeito de sentido de objetividade.

Ainda, segundo Barros (2002, p. 17-44) as debreagens enunciativa e enunciva são responsáveis, respectivamente, pelos discursos em primeira pessoa, produzindo efeitos de sentido de subjetividade/de parcialidade, porque o *eu* coloca-se no interior do discurso, e em terceira pessoa, produzindo efeitos de sentido de objetividade/de imparcialidade, porque o *eu* ausenta-se do interior do discurso. Portanto, narrar em primeira ou terceira pessoa é uma escolha feita pelo enunciator, com a finalidade de transmitir determinados efeitos de sentido. Segundo Fiorin, a embreagem é “o efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado.” (2008, p. 48).

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Portanto, da mesma forma que a debreagem, a embreagem também comporta as três categorias da enunciação: embreagem actancial (neutralizações na categoria de pessoa), embreagem espacial (neutralizações na categoria de espaço), embreagem temporal (neutralizações na categoria de tempo).

É necessário, ainda, diferenciar embreagem enunciativa e embreagem enunciva. A enunciativa acontecerá quando o termo debreante pode ser tanto enunciativo como enuncivo, porém o embreante será enunciativo. A embreagem será enunciva quando o termo debreante for enunciativo ou enuncivo, mas o termo embreante será enuncivo. (FIORIN, 2008, p. 51). Ao se utilizar, no discurso, uma pessoa por outra, um tempo no lugar de outro, um marcador de espaço por outro, cria-se um complexo jogo que produz efeito de sentido na temporalidade, na espacialidade e nas pessoas do discurso.

3. UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Desgarrados (Mário Barbará e Sérgio Napp)

- | | |
|---|--------------------------------------|
| 01. Eles se encontram no cais do porto | 19. Viram copos, viram mundos, mas o |
| 02. Pelas calçadas | que |
| 03. Fazem biscoitos pelos mercados | 20. Foi nunca mais será |
| 04. Pelas esquinas | |
| 05. Carregam lixo, vendem revistas | 21. Cevavam mate, sorriso franco |
| 06. Juntam baganas | 22. Palheiro aceso |
| 07. E são pingentes das avenidas | 23. Viraram brasas, contavam casos |
| 08. Da capital | 24. Polindo esporas |
| | 25. Geada fria, café bem quente |
| 09. Eles se escondem pelos botecos | 26. Muito alvoroço |
| 10. Entre os cortiços | 27. Arreios firmes e nos pescoços |
| 11. E pra esquecerem contam bravatas | 28. Lenços vermelhos |
| 12. Velhas histórias | |
| 13. E então são tragos, muitos estragos | 29. Jogo do osso, cana de espera |
| 14. Por toda a noite | 30. E o pão de forno |
| 15. Olhos abertos, o longe é perto | 31. O milho assado, a carne gorda |
| 16. O que vale é o sonho | 32. A cancha reta |
| | 33. Faziam planos e nem sabiam |
| 17. Sopram ventos desgarrados, | 34. Que eram felizes |
| carregados | 35. Olhos abertos, o longe é perto |
| 18. De saudade | 36. O que vale é o sonho |

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Nas linhas de 1 a 20 o poeta constrói uma imagem das pessoas despojada de qualquer sentimento que não seja saudade. Para apresentar esse sentimento, os “desgarrados” são situados num tempo (lidas do dia a dia) e num espaço (“cais do porto”, “calçadas”, “esquinas”, “mercados”, “botecos”, “cortiços”) sem grande beleza; são-lhes atribuídas atividades (“Fazem biscates”, “Carregam lixo”, “vendem revistas”, “Juntam baganas”, “se escondem pelos botecos”, “contam bravatas”, “Viram copos”), que não são exatamente atividade com qualidades positivas; são apresentados pura e simplesmente como homens saudosos (“o longe é perto/ O que vale é o sonho”) de um tempo que não se repetirá (“mas o que/ Foi nunca mais será”). Essas significações conotativas atribuídas aos “Desgarrados” pertencem a um tempo presente (agora); a um espaço determinado (aqui), Porto Alegre.

Nas linhas de 21 a 36, o poeta usa das lembranças das lidas domésticas (“Cevavam mate”, “Viravam brasas”, “contavam casos/ Polindo esporas”) para demonstrar a simplicidade, a forma digna de viver na zona rural. Apesar do “sorriso franco”, “Muito alvoroço”, “pão de forno”, “milho assado”, “carne gorda”, eles “Faziam planos” de viver melhor na capital, pois não “sabiam/ Que eram felizes/ Olhos abertos, o longe é perto/ O que vale é o sonho”.

Agora, as significações conotativas atribuídas aos “Desgarrados” pertencem a um tempo passado (anterior ao agora); a um espaço determinado (aqui), o interior do RS (“Arreios firmes e nos pescoços/ Lenços vermelhos”).

A insatisfação do homem do campo, o sonho de uma vida melhor, traz como consequência o êxodo rural (tema da composição poética), que trouxe a degradação explicitada nas linhas de 1 a 20, que pode ser sintetizada com o título *Desgarrados*. Os homens são apresentados como sendo aqueles que se distanciaram, afastaram-se, separaram-se de indivíduos, do grupo a que estavam agregados, e que, no presente, se tornaram “pingentes nas avenidas/ Da capital”.

O poema coloca em oposição duas concepções de vida: a de hoje com degradação; e a do passado com dignidade. Nas linhas de 9 a 16, o poeta enfatiza a degradação no presente com as expressões “escondem”, “esquecerem”, “estragos”. Mas,

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

em seguida afirma que “o longe é perto/ O que vale é o sonho”, posicionando-se que apesar de toda a degradação vale a pena sonhar. Não está arrependido de ter se desgarrado dos seus, porém saudoso e continua vislumbrando uma vida melhor “Olhos abertos”.

Nas linhas de 17 a 20, o poeta deixa explícito que o que “Foi nunca mais será”. A partir daí, nas linhas de 21 a 34, enfatiza a dignidade no passado com as expressões “Faziam planos e nem sabiam/ Que eram felizes” e, principalmente, com a descrição das lidas domésticas, usando os verbos no pretérito imperfeito, compondo uma simultaneidade, como formando um quadro contínuo, que gera um efeito de sentido de estaticidade.

Na primeira parte do poema, as pessoas e os espaços são enuncivos, porém, o tempo é do sistema enunciativo (presente). Trata-se, nesse caso, de debreagem temporal enunciativa. Na segunda parte, as pessoas, os espaços e os tempos são enuncivos, pois o eu/tu não aparecem, só ocorrendo o ele; a narrativa é contada com o tempo do subsistema do pretérito (pretérito imperfeito); e, são instalados espaços que não se organizam em relação ao espaço da enunciação, produzindo efeitos de sentido de objetividade. Temos, então, uma debreagem enunciva.

CONCLUSÃO

Émile Benveniste argumenta, no início do capítulo *A Linguagem e a Experiência Humana* que todas as línguas possuem em comum certas categorias de expressão (espaço e tempo) que correspondem a um modelo constante. Afirma que “as formas que revestem estas categorias são registradas e inventoriadas nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso.” (2006, p. 68).

Para Benveniste, as categorias de pessoa, espaço e tempo, pelas quais podemos contemplar a experiência subjetiva dos sujeitos, situados na e pela linguagem, se constituem como “categorias elementares, independentes de toda determinação

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

cultural.” (2006, p. 68). Os termos que pertencem às categorias de pessoa, espaço e tempo articulam dois planos distintos: a mensagem e o código. São signos linguísticos, mas elementos concretos também, o que permite a conversão da língua em discurso.

A enunciação é única, não pode ser repetida, uma vez que supõe a realização individual da língua em discurso. E é nessa passagem, segundo Flores, que se dá a semantização da língua. “A enunciação vista desse prisma, é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, a partir do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário. É a alocação que instaura o outro no emprego da língua.” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 35).

A discursivização das categorias enunciativas produz efeitos de sentido no discurso. As escolhas do narrador em projetar-se no enunciado ou alhear-se dele, em tornar os fatos narrados concomitantes, anteriores ou posteriores ao momento da enunciação, em utilizar-se do pretérito com o tempo presente, em enunciar um *eles* sob a forma de um *nós* não são aleatórias. Ao fazer uso da debreagem, a intenção do enunciador parece ser imitar os tempos, os espaços e as pessoas do mundo, mas com a embreagem percebe-se que pessoas, tempos e espaços são criações da linguagem e não cópias da realidade. É, através desse modo de enunciar que se criam sentidos como aproximação, distanciamento, objetividade, subjetividade, atenuação, irrealidade.

Assim, comprova-se, através da análise da música “Desgarrados” que os sentidos são construídos pelo sujeito no discurso, através da língua, e que a discursivização das categorias enunciativas produz efeitos de sentido, permitindo a conversão da língua em discurso, pois ao usar a língua o sujeito sempre instaura novos sentidos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBARÁ, Mário; NAPP, Sérgio. *Desgarrados*. Manaus: NovoDisc, 1996. 1CD.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Interação em anúncios publicitários. In: PRETI, Dino (Org). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 2002.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005.

_____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

_____. *Introdução a Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

ⁱ Mestre em Linguística pela UPF e Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela URI – Campus de Erechim – RS. Professora do Colégio Notre Dame - Passo Fundo- RS e Professora de Metodologia da Pesquisa no CEOM – Centro de Estudos Odontológicos Meridional – Passo Fundo – RS. betinhacost@yahoo.com.br.

ⁱⁱ Mestre em Linguística pela UPF. Professora dos Anos Iniciais da Rede Municipal de Passo Fundo – RS. tanciasfornari@yahoo.com.br.